



A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE FRANCISCO JULIÃO NO EITO DA CANA

FRANCISCO JULIÃO'S BIBLICAL INTERPRETATION IN THE SUGARCANE FIELDS

*Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza**

*Prof. MSc. Ricardo Jorge Silveira Gomes***

RESUMO

O artigo pretende colocar em evidência uma questão reconhecidamente complexa. Trata-se da hermenêutica da Bíblia feita por um ativista de inspiração socialista, declarado ateu e assessor jurídico das Ligas Camponesas. Inicialmente tenta-se fazer o esforço de deixar claras as possibilidades de compreensão do sentido do termo hermenêutica. Em seguida faz-se a tentativa de delimitar qual é a perspectiva de compreensão de socialismo. Em terceiro lugar considera-se a atuação de Francisco Julião nas Ligas Camponesas que, para além das suas funções de assessor jurídico, assume o papel de formador do desenvolvimento da consciência da realidade vivida pelos camponeses no trabalho da terra e no cultivo da cana. No intuito de promover um novo modo de avaliar a própria circunstância e encontrar alternativas para a sua experiência de vida marcada pelo sofrimento advindo das condições de trabalho que resultava numa situação de miséria e opressão, ele recorreu à interpretação da Bíblia que revelava uma experiência similar a que era vivida pelos trabalhadores naquele momento e apresentava a intervenção de Deus como ação libertadora da situação de miséria e opressão e a oferta de uma “terra onde jorrava leite e mel”. Enquanto conhecedor da dinâmica camponesa do estado ele percebeu os três pilares no cotidiano da vida do homem

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Mestre e Licenciado em Filosofia (UFPE-UFPB-UFRN) pela Universidade Federal da Paraíba (1991 e 1996). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco.

** Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Especialista em Metodologia do Ensino pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Licenciado em História pela Faculdade de Formação de Professores da Zona da Mata Sul (FAMASUL).



do campo: a religião, a cachaça e o capanga. Com base nesse conhecimento, desenvolveu um processo formativo que visava a transformação da realidade da vida das pessoas em função de um novo modo de viver em sintonia com a vontade de Deus. A produção de documentos, o uso de uma linguagem simples e o esforço de fazer a hermenêutica dos textos bíblicos estiveram em função desse grande objetivo. Em outras palavras, Julião praticou uma verdadeira hermenêutica da existência em função da própria vida que poderia ser vivida como um evento coletivo com cheiro de terra molhada e sabor do mel da cana.

Palavras-chave: Socialismo; Ligas Camponesas; Hermenêutica.

ABSTRACT

The article intends to highlight an admittedly complex issue. It is about the hermeneutics of the Bible made by an activist of socialist inspiration, declared an atheist and legal advisor to the Peasant Leagues. Initially, an effort is made to clarify the possibilities of understanding the meaning of the term hermeneutics. Then, an attempt is made to delimit what is the perspective of understanding socialism. In third place, we consider Francisco Julião's role in the Peasant Leagues, which, in addition to his functions as a legal advisor, assumes the role of educator in the development of awareness of the reality experienced by peasants in the land work and in the cultivation of sugarcane. In order to promote a new way of evaluating his own circumstance and finding alternatives for his life experience marked by the suffering arising from working conditions that resulted in a situation of misery and oppression, he resorted to the interpretation of the Bible that revealed an experience similar to which was experienced by the workers at that time and presented the intervention of God as a liberating action from the situation of misery and oppression and the offer of a "land where milk and honey flowed". As a connoisseur of the peasant dynamics of the state, he perceived the three pillars in the daily life of the rural man: religion, cachaça and henchmen. Based on this knowledge, he developed a training process aimed at transforming the reality of the lives of the people in terms of a new way of living in harmony with the will of God. The production of documents, the use of simple language and the effort to make the hermeneutics of biblical texts were in function of this great objective. In other words, Julião practiced a true hermeneutics of existence in terms of life itself that could be lived as an event collective with the smell of wet earth and the taste of sugarcane honey.

Keywords: Socialism; Peasant Leagues; Hermeneutics

1 INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a empreender um estudo sobre a ação de Francisco Julião na organização das Ligas Camponesas, deparamo-nos com uma situação *sui generis*. Isto é, a ação de um socialista convicto, autodeclarado ateu, utilizando textos bíblicos para explicar e por em questão a situação de miséria em que viviam os camponeses que trabalhavam no eito da cana. Ora, para quem vive na zona rural, o fluxo de

relações e as dinâmicas dos acontecimentos da vida, têm como base a relação com a terra.

Numa rasa avaliação das condições de trabalho e uso da terra no Nordeste brasileiro, naquele momento e ainda hoje, constata-se que aqueles que nela trabalham e dela dependem as suas perspectivas de vida, não são os seus respectivos donos. Na sua grande maioria são assalariados e, muitas vezes, desempenham suas atividades laborais em péssimas condições. As condições de trabalho como o valor do salário, o horário do começo e do fim da jornada, a inexistência de equipamentos de proteção de acidentes próprios para a execução de determinadas atividades são indicadores da situação.

Essa situação se apresentava como aparentemente definitiva e única. Para muitos trabalhadores era quase impossível imaginar que fosse apenas uma circunstância conjuntural de momento e não uma determinação da natureza. Para outros, certamente, tratava-se de uma condição dada e querida por uma suposta providência e que, assim, não adiantava pensar em alternativas porque poderia ser a vontade de Deus. E sendo vontade da divina providência não há como colocar em questão e pensar em superá-la, porque assim procedendo se está fazendo uma afronta a Deus, cometendo um pecado, pois, o que é vontade divina tem de ser cumprido. É preciso ter o temor de Deus para evitar castigos e não piorar os sofrimentos que já são muitos.

Obviamente, sendo um modo hegemônico de perceber a realidade, não era, afortunadamente, o único. Também havia aqueles que, mesmo não tendo uma consciência profunda das causas da situação, percebiam que estavam diante de uma modalidade de exploração decorrente da forma como as relações eram estabelecidas na sociedade e os afetava particularmente. De algum modo, enxergavam que havia alguém que dava ordens, cobrava trabalhos, fazia ameaças e tentava disfarçar que não havia um sistema de exploração da vida humana, nem um poder que desejava ardentemente a sua manutenção. O aumento da consciência da situação e a percepção dos mecanismos geradores de todo sofrimento que padeciam foram muito importantes para uma tomada de decisão e a elaboração de uma nova possibilidade de viver. Então, com a ampliação do modo de ver a própria experiência e relacioná-la com outras, emerge um clarão que os fez perceber que um novo modo de viver e

organizar a vida é possível. Aconteceu o que compôs Geraldo Vandré e cantou Jair Rodrigues: “As visões se clareando / As visões se clareando / Até que um dia acordei” (VANDRÉ, 1966).

Uma vez acordados, enxergando horizontes mais longínquos vislumbra-se uma esperança de saída de onde se está para lançar-se na construção de outro modo de ser. E continua a canção: “Então não pude seguir / Valente-lugar tenente/ De dono de gado e gente / Porque gado a gente marca / Tange, fere, engorda e mata / Mas com gente é diferente” (VANDRÉ, 1966).

O despertar da consciência ingênua, mítica ou fatalista além de interferir no modo de perceber os mecanismos de exploração no tecido da sociedade como um todo, também interfere na compreensão da experiência religiosa e, por conseguinte, na leitura da Bíblia. Nessa perspectiva vem à memória a história dos antepassados que viveram experiências similares, como por exemplo, os judeus que, exilados de sua terra, experimentaram horrorosos flagelos no Egito. Essa experiência está registrada no Livro do Deuteronômio nos termos seguintes:

Mas os egípcios nos maltrataram e nos afligiram, e sobre nós impuseram uma dura servidão. Então clamamos ao Senhor Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa miséria, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão. E o Senhor nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres; E nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel. (Deuteronômio 26:6-9).

Pensamos que os fragmentos citados se constituíram em um verdadeiro paradigma para todos aqueles que quiseram repensar sua experiência de fé religiosa a partir do texto bíblico, particularmente, para Francisco Julião. O que é que esse texto traz de importante para nossa vivência da fé? Numa breve síntese podemos dizer, em primeiro lugar, que ele porta a narrativa de uma experiência de extremo sofrimento do povo hebreu que viveu na servidão como escravo oprimido. Em segundo lugar, se refere ao clamor feito ao Senhor Deus que ouviu a sua voz e deu atenção a sua situação de trabalho, miséria e opressão.

Chama-nos a atenção, na tradução do texto, o uso do verbo “atentar” que pode ser referido como “dar atenção”, “prestar atenção”, mas também atender. A opção do tradutor nos parece genial, ao empregar o verbo no passado para indicar uma ação já

realizada, consolidada e, portanto, irreversível. Ao sequenciar depois do verbo no passado os termos miséria, trabalho e opressão o autor quer sugerir que essas realidades já foram negadas radicalmente por Deus como experiências históricas vividas por sua gente amada. Por último, o texto apresenta a decisão de Deus de tirar o povo da situação em que ele vivia, marcada pela miséria e opressão.

Essa decisão é fundamental porque apresenta a figura de Javé assumindo uma posição determinada a favor daqueles que estão na situação de vida negada. Além disso, enfatiza que houve a ação liberadora da situação dada e a oferta de outro modelo de existência. A expressão que aparece no final do versículo 9, “e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel” quer indicar, justamente, a fisionomia do lugar querido por Deus para todo o seu povo. Ou seja, nesse texto podemos vislumbrar qual é a vontade de Deus nas determinações particulares da concretude histórica. Sendo assim, as formas de organizações que pautam a luta pela terra estão na perspectiva dos desígnios de Deus.

2 A QUESTÃO DOS TERMOS HERMENÊUTICA E SOCIALISMO

Faz-se necessária uma breve indicação do sentido dos termos que julgamos mais problemáticos na exposição do nosso tema, quais sejam: hermenêutica e socialismo. É bem sabido por quem transita nos cenários da academia universitária, que os termos aludidos têm não somente, densidade semântica, mas também uma trajetória histórica bastante extensa, marcada por compreensões que, ora estão próximas, e ora muito distantes. Não temos a intenção de por em cena as aproximações e distanciamentos dos termos referidos, o que seria por demais interessante. Apenas fazemos um aceno para os seus horizontes de sentido, a fim de situarmos nossa acerca da compreensão da perspectiva hermenêutica assumida por Francisco Julião.

Podemos nos perguntar, inicialmente, o que caracteriza a interpretação da Bíblia feita por um ativista jurídico, defensor do socialismo e confesso ateu? A interpretação é algo exclusivo de alguns profissionais, de um ramo de saber específico ou está disponível para quem por ela se interessar? O desafio, pois, está posto. Podemos estar em uma encruzilhada na qual a tomada de decisão sobre o caminho seguir é um problema sério.

Na tentativa de encontrar um sinal da saída da encruzilhada pensamos que uma primeira consideração importante é apontar um breve entendimento do que seja hermenêutica. Nesse sentido, podemos dizer, seguindo a intuição de Schleiermacher, que a “hermenêutica é a arte da interpretação” (2002, p. 28). Em um passado mais remoto ela foi considerada tanto uma teoria quanto um método de interpretação da Bíblia. Provavelmente, foi a interpretação da Bíblia que suscitou os primeiros esforços e também os problemas em torno da interpretação. Aqui podemos apontar a Teologia como o lugar desde o qual a exegese alçou voo. Até o início do século XIX, grandes representantes da Filologia, como Ast e Wolf colocaram os textos sagrados, juntamente com a literatura clássica e textos jurídicos como os objetos prioritários da interpretação. Por causa dessa prioridade é que se convencionou dizer que temos tipos diferenciados de hermenêuticas: a bíblica, a jurídica e a literária.

Além dos esforços de Schleiermacher de tirar a hermenêutica dos limites das disciplinas acima mencionadas, deve-se à Wilhelm Dilthey o alargamento dos horizontes da interpretação. A partir de então, não somente os textos julgados importantes requereriam o trabalho do compreender, mas todas as atividades criativas e toda a práxis dos homens e mulheres que se afirmam como humanos, no aberto do tempo e no espaço da história. Em resumo, tudo aquilo que diz respeito à vida humana passa a ser passível de interpretação.

Esse giro da hermenêutica foi reconhecido por Gadamer em 1993, no texto intitulado “*A universalidade da hermenêutica*”, no qual ele disse:

Foi, sobretudo, Wilhelm Dilthey quem deu um passo importante nessa direção com sua Psicologia descritiva. Mas somente quando Dilthey e sua escola chegaram a ter maior influência sobre o movimento fenomenológico – sobre Husserl todavia a modo de polêmica, sobre Heidegger na forma de uma profunda transformação assimiladora -, o entender já não ficou meramente situado ao lado do compreender e do esclarecimento e, em geral, não ficou limitado a seu uso pelas ciências. Ao contrário, o entender constitui a estrutura fundamental da existência humana, pelo que vem a situar-se no centro da filosofia (GONDRIN, 2002, p. 11-12).

O exposto acima revela que a interpretação não é tarefa exclusiva daqueles que detêm o conhecimento científico e, por isso, seriam os únicos autorizados a proceder à atividade do interpretar. Ao contrário disso, enquanto se configura como um

componente da própria condição do humano, ela se põe no aberto do existir. Portanto, disponível para todos aqueles que providos das condições da razão desejem acessar o exercício do compreender. Nessa eminente tarefa, Heidegger teve, no Século XX, uma significativa contribuição. Muito bem disse Michael Inwood, “Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), esboçou uma ‘interpretação’ do ser humano, o ser que, em si mesmo, compreende e interpreta” (INWOOD, 1998, p. 01).

Também é importante considerarmos o sentido de hermenêutica no Catecismo da Igreja Católica (CIC), pois este nos reporta à exegese. Discorrendo sobre o sentido da Escritura, apresenta-se uma compreensão tanto literal quanto espiritual. A respeito do sentido literal, o CIC o enquadra dentro da “reta interpretação”: “é o sentido significado pelas palavras da Escritura e descoberto pela exegese que segue as regras da correta interpretação” (CIC, n. 116). E conclui afirmando que “todos os sentidos (da Sagrada Escritura) devem estar fundados no literal” (CIC, n. 116).

No que se refere ao sentido espiritual, o CIC afirma que, graças ao projeto de Deus, “não somente o texto da Escritura, mas também as realidades e os acontecimentos de que ele fala podem ser sinais” (CIC, n. 117). Tais sinais se apresentam, sempre de acordo com o CIC, por meio de: a) *sentido alegórico* – o que indica a significação, em Jesus Cristo, dos acontecimentos narrados em toda a Escritura, como, por exemplo, a travessia do Mar Vermelho associada ao “sinal da vitória de Cristo, e também do Batismo” (CIC, n. 117); b) *sentido moral* – as narrativas devem conduzir o ser humano a um “justo agir” (CIC, n. 117); e, por fim, c) mediante o *sentido anagógico*, as realidades e acontecimentos adquirem uma significação de eternidade. Nesse sentido, a Igreja é-nos apresentada como sinal terreno da Jerusalém celeste, isto é, do Paraíso.

Em síntese, o CIC nos coloca diante de um dístico medieval: “a letra ensina o que aconteceu; a alegoria, o que deves crer; a moral, o que deves fazer; a anagogia, para onde deves caminhar” (CIC, n. 118). Portanto, história, crença, retidão e meta de santidade perpassam pela compreensão e interpretação da Sagrada Escritura. Nessa síntese do Catecismo estão presentes algumas das intuições da hermenêutica propostas por Santo Agostinho na *Doutrina Cristã*, muito bem lembradas por Heidegger na obra *Hermenêutica da Facticidade*.

Mediante quais armas haverá o homem de realizar a interpretação de passagens da Escritura que não estejam claras?: com o temor de Deus, com o cuidado único de buscar na Escritura a vontade de Deus; Formado na piedade, para que não tenha prazer em disputas verbais; provido de conhecimentos linguísticos, para que não fique em suspenso diante de palavras ou locuções desconhecidas; dotado com o conhecimento de certas objetualidades e acontecimentos naturais que venham a se inserir a propósito de ilustração, para que não deixe de ver sua fraqueza demonstrativa apoiada no conteúdo de verdade (HEIDEGGER, 2012, p. 18).

Contemporaneamente, Lawrence Schmidt (2012) nos coloca diante de provocações tão pertinentes que alargam nosso olhar e dilatam qualquer enquadramento que quisermos impor a esse tema. Ele parte da afirmação que hermenêutica significa interpretação, que é um termo derivado da palavra grega, *ermeneia*. A partir daí, demonstra, com simplicidade e maestria, o quanto esse ato de interpretar perpassa pelo cotidiano da vida humana em todas as suas expressões. Nessa acepção, há aqueles que, por força do ofício, interpretam as leis (os/as juristas); os que, nos mais variados ramos das artes, interpretam um personagem, uma música; ainda, a crítica literária tenta interpretar poemas, romances, e assim por diante. Isso deixa claro que sabemos muito mais sobre a hermenêutica do que imaginamos, pois, embora não seja um termo corriqueiro no falar cotidiano, a sua prática se faz presente a cada instante.

Considerando a problemática questão da interpretação da linguagem, Schmidt coloca em evidência um fator primordial e lógico, porém muitas vezes posto de lado, como se não tivesse importância. Na dinamicidade da linguagem, expressões usadas há anos, ou há milênios, adquirem outra denotação e, às vezes, até desaparecem do vocabulário, inclusive dos dicionários. Assim, o que se exige minimamente, é a compreensão da linguagem no tempo e no espaço – traduza-se, cultura – em que ela foi concebida e escrita. Além do contexto, outro fator que incide diretamente na interpretação são as traduções. Em relação aos textos antigos, não basta um bom dicionário. São necessários, pelo menos, bons exemplares na língua original, mais compatíveis com o tempo e o espaço de sua concepção. Dessa forma, não é tarefa fácil, pois não é suficiente uma mera compreensão do texto. Ou melhor, para que o seu entendimento seja o mais fiel possível ao sentido que carrega em si originalmente, urge considerar o tempo em que foi escrito, as circunstâncias, o público-alvo, o contexto e a cultura de quem o produziu. Sim, de quem o escreveu porque não necessariamente pertence à cultura de onde se deu o fato. Não diz o adágio popular:

“a história é escrita sob a ótica dos vencedores”? E a visão de mundo dos vencedores não é a mesma dos vencidos. Uma interpretação desse calibre não se faz aleatoriamente. Com base em Schmidt, podemos conceber a hermenêutica como um conjunto de procedimentos voltados para a interpretação de tudo aquilo a que se possa atribuir significado e sentido, o que inclui o fenômeno religioso.

Assim, no que se refere à hermenêutica aplicada à religião, Etienne Higuët explica:

A hermenêutica [...] trata a religião como texto, isto é, interpreta as linguagens específicas que expressam a experiência do sagrado. Ela procura, em particular, reconstruir as intenções significantes dos símbolos, dos mitos, dos ritos e das doutrinas. O ser humano se reconhece interpretando-se em suas obras, que podem ser chamadas de *arquivos da humanidade*. Uma parte importante desses arquivos é encontrada no acervo de textos religiosos, como os mitos, que significam uma parte decisiva de nossas *archai* (origens) (HIGUËT, 2013, p. 459).

Para o cristianismo, onde encontramos símbolos? Nas Sagradas Escrituras, a Bíblia. E onde encontramos os ritos e as doutrinas? Os ritos, na evolução cultural da própria humanidade; as doutrinas, com recorte no cristianismo, na hermenêutica trabalhada pelos grandes teólogos. Foram eles os responsáveis pela sistematização, se podemos dizer assim, da espinha dorsal da sua doutrina.

Quanto ao termo socialismo é importante esclarecer que não cabe aqui fazer um detalhamento dos seus possíveis sentidos, delimitando-o como ideologia ou base econômica de organização de uma determinada sociedade. Tampouco tomar posição sobre as suas vigências históricas. É difícil precisar a história de uma ideologia. No entanto, pelo seu caráter de contraposição, via de regra, ela surge para fazer frente a uma situação em que determinado povo se encontra com o intuito de propor algo novo, algo que aponte caminhos para se atingir resultados melhores do que aquele que se está vivendo. Nessa perspectiva, podemos entender ideologia como a proposta do que seria ideal. Portanto, ela condensa em seu esteio um conjunto de ideais, pensamentos, doutrinas que, em sua coletividade, tenta apresentar soluções sociais e/ou políticas. Nesse sentido, são muito esclarecedoras as declarações de autores como Bobbio, Matteucci e Pasquino quando disseram:

A base comum das múltiplas variantes do Socialismo pode ser identificada na transformação substancial do ordenamento jurídico e

econômico fundado na propriedade privada dos meios de produção e troca, numa organização social na qual: a) o direito de propriedade seja fortemente limitado; b) os principais recursos econômicos estejam sob o controle das classes trabalhadoras; c) a sua gestão tenha por objetivo promover a igualdade social (e não somente jurídica ou política), através da intervenção dos poderes públicos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1197).

Pensamos que o exposto acima resume bem o que pode ser entendido como Socialismo na sua base mais elementar. Considerado como ideologia, nasceu no bojo da Revolução Francesa e chegou ao Brasil, onde se estruturou num partido político chegando a servir de guarda-chuva para experiências sociais e políticas nas lutas dos trabalhadores brasileiros, tanto os urbanos quanto os rurais.

Um dos momentos mais emblemáticos da história do socialismo no Brasil aconteceu em 1945, quando um grupo de 63 pessoas fundou a *Esquerda Democrática* em contraponto aos comunistas que seguiam o stalinismo e à União Democrática Nacional (UDN) – defensora do liberalismo econômico. Dois anos depois, em 1947, dessa semente nasceu o Partido Socialista Brasileiro (PSB) sob o lema “Socialismo e Liberdade”.

Em congresso promovido naquele mesmo ano, o PSB afirmou

sua ideologia socialista, ao proclamar a função social da propriedade e o papel do Estado na economia, defender reformas estruturais, a nacionalização de áreas estratégicas, a ampliação dos direitos dos trabalhadores e a garantia da saúde e da educação¹.

Ainda na década de 1940, com o *slogan* “O petróleo é nosso”, o PSB liderou uma campanha para garantir o controle das reservas do petróleo brasileiro, então uma das nossas grandes riquezas.

O Partido Socialista Brasileiro (PSB)², cresceu rapidamente. Na década de 1950, entre outros fatores, dois acontecimentos foram importantes e decisivos para o jovem partido político. Em 1955, como fruto de uma coligação com três outros partidos (PTN – Partido Trabalhista Nacional, PTB – Partido Trabalhista Brasileiro e PCB – Partido Comunista Brasileiro), conseguiu eleger Pelópidas Silveira para o cargo de prefeito da

1 Nossa história. A história do PSB contada pelo próprio partido. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/quem-somos/nossa-historia-2/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

2 Disponível em: <https://www.psb40.org.br/quem-somos/nossa-historia-2/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

cidade do Recife – o primeiro governante recifense eleito pelo voto direto. Este gestor se destacou por implementar uma administração modernizante, priorizando obras viárias, além da implantação do ônibus elétrico, da higienização das feiras livres, do incentivo às associações de bairro e, por consequência, às audiências públicas, entre outras ações consideradas modernas tanto para a época quanto para o estilo de administração pública até então adotado. Silveira ainda voltou a governar a cidade por outras duas gestões, sendo a última interrompida pelo golpe militar de 1964.

Nos anos seguintes, o governo busca realizar reformas estruturais e o PSB amplia sua participação nas lutas sociais e no parlamento. Altino Dantas lidera no movimento estudantil, Remo Forli no mundo sindical e Francisco Julião na luta camponesa³.

Francisco Julião, primeiro parlamentar do Estado de Pernambuco eleito pelo PSB, nasceu em 16 de fevereiro de 1915, no engenho Boa Esperança, atual município de Bom Jardim, localizado na Mesorregião do Agreste pernambucano. Estudou na Faculdade de Direito do Recife, onde concluiu seus estudos em 1939. Mesmo sem ter uma participação efetiva na política estudantil, Julião embrenhou-se nos debates políticos promovidos na própria Faculdade, tida como um reduto de oposição ao Estado Novo e à interventoria de Agamenon Magalhães (PORFÍRIO, 2016).

Em 1940 montou um escritório de advocacia na capital pernambucana, iniciando, assim, sua atividade em defesa dos camponeses em vários municípios de Pernambuco, especialmente em Bom Jardim, Vitória de Santo Antão, Limoeiro e Jaboatão (JULIÃO, 2009).

Apresentados, pois, os trilhos da hermenêutica e do socialismo, encontramos seus pontos de convergência: a utilização da interpretação de textos bíblicos e o trabalho desenvolvido em defesa dos camponeses e de sua organização sociopolítica, ambos protagonizados por Francisco Julião. A identificação com o ideal socialista e com a hermenêutica esclarece, como vimos, que o ato de interpretar perpassa o cotidiano da vida humana em todas as suas expressões. Aqui se revela o confronto identitário entre as situações escravistas descritas na Bíblia – e, portanto, na história do povo de Deus – e a história da escravização de homens e mulheres embrenhados nos

³ **Nossa história.** A história do PSB contada pelo próprio partido. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/quem-somos/nossa-historia-2/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

canaviais, cuja situação de trabalho em quase nada mudara em relação ao sistema implantado no Brasil Colônia para garantir a produção do açúcar e salvar a economia burguesa, situação que encontramos descrita em Lima:

Em toda a zona da Mata, porém, os moradores, os trabalhadores rurais, ex-escravos ou seus descendentes recebiam, no início do século XX, salários irrisórios, ainda mais quando o preço da cana baixava. Os fornecedores de cana, em suas disputas com os usineiros, transferiam seus prejuízos para os lavradores, que iam se proletarizando (LIMA, 2005, p. 23-24).

É essa “convergência”, esse “confronto identitário” construído por Francisco Julião, que almejamos apresentar a seguir e que servirá de esteio para as nossas considerações finais.

3 JULIÃO E A HERMENÊUTICA

É impossível falar sobre Francisco Julião sem colocá-lo no seio das Ligas Camponesas. Para historiadores e sociólogos, a história dessas Ligas traduz alguns aspectos indispensáveis para a compreensão da história social e política brasileira da época transitória entre o ciclo da democracia populista e o início da ditadura militar. São aspectos indissociáveis e seus ensinamentos históricos e teóricos furam o tempo e extrapolam essa época.

Nessa perspectiva, de acordo com Elide Rugai Bastos

Primeiro, as “ligas” recolocam a questão agrária em forma totalmente nova, tão forte que põem em causa a forma do Estado. O campesinato e proletariado agrícola rompem o elo agrário do bloco do poder que prevalece no controle do estado brasileiro desde 1930. Segundo, a emergência das “ligas” e os seus desenvolvimentos subsequentes, em âmbito regional e nacional, mostram como se efetivam as articulações entre o movimento social, expresso pelas “ligas”, e os partidos políticos, tais como o PTB, PCB e outros, além da Igreja. Terceiro, a história das “ligas” abre, em forma surpreendente, a questão da revolução de base operário-camponesa (BASTOS, 1984, p. 117).

A organização das Ligas Camponesas pernambucanas, iniciadas na década de 1950, no engenho Galileia, município de Vitória de Santo Antão (PE), seguiu três princípios básicos a qualquer instituição que pretendesse estruturar-se legal e pacificamente. Quais sejam: o jurídico, que constitui a disposição, na sociedade em que se situa, de

uma lei que proteja seus direitos; o financeiro, o que significa possuir o mínimo que lhe permita autonomia na condução legal da defesa de seus direitos; o econômico, para ter condições de resistir ao adversário, crescer e disputar mercado (JULIÃO, 1962). É importante esclarecer que, juridicamente, esse tipo de organização era permitido pelo Código Civil da época, o que imprimiu o caráter legal às Ligas. Para Mauro Koury, essa legalidade também serviu para refrear, em parte,

a violência dos senhores da terra e dando, ao mesmo tempo, um suporte às lutas e reivindicações dos trabalhadores, além de servirem como ponto de convergência entre os núcleos internos das *plantations*, retirando cada luta e/ou reivindicação do possível isolamento, por engenho ou fazenda, e tornando-as comuns a toda uma categoria. As lutas, [...], eram pela permanência nas terras em que trabalhavam (KOURY, 1983, p. 168).

Para o processo formativo dos integrantes das Ligas, Francisco Julião utilizava instrumentos facilitadores para a compreensão da importância do papel exercido pelos trabalhadores rurais e os caminhos que poderiam percorrer para atingirem os objetivos traçados.

Nativo da zona rural, ele compreendia, como poucos, o contexto e a história do campesinato nordestino, algo que apresenta sempre com sua maneira direta de se expressar. Em seu livro *Cambão*, discorre sobre três aspectos inseparáveis do cotidiano da vida do camponês: a religião, a cachaça e o capanga. Aqui, interessamos suas considerações sobre a religião. Para Julião, de modo geral,

toda religião busca, fundamentalmente, salvar o homem, elevá-lo, aperfeiçoá-lo de tal forma que venha a cair na graça de Deus e merecer a eternidade. Acontece, porém, que esse ideal encontra no próprio homem o seu obstáculo por excelência. É que o homem não pode fugir à realidade por excelência, à contingência, à raiz das coisas, que o prende ao mundo e lhe condiciona o modo de pensar e de viver (JULIÃO, 2009, p. 79).

Julião reconheceu, historicamente, e não poderia ser diferente, que o cristianismo nasceu da fé do povo e, em seu percurso de séculos, passou por todos os eventos, gloriosos e cruéis, da humanidade. Ele percebeu que a religião dos oprimidos da Judeia e dos escravizados de Roma foi deformada pela estrutura feudal da Idade Média passando a ser instrumento dos opressores, aos quais chamou de “barões feudais”. Lembrou as cruzadas e as “guerras santas” por elas empreendidas em nome

de uma fé distante daquela “mansa e humilde” pregada pelo próprio Jesus. Por fim, “à sombra da inquisição, humilhou, martirizou, assassinou, como humilhado, martirizado, assassinado fora Cristo, que lhe deu o nome e a doutrina” (JULIÃO, 2009, p. 79).

Também evidenciou que a obediência seria condição *sine qua non* para a obtenção da salvação do pecado original e do fogo eterno. Obediência absoluta a que e/ou a quem? “A Deus, à Igreja, ao barão feudal, à autoridade” (JULIÃO, 2009, p. 80).

Por outro lado, viu que a religião, com recorte no cristianismo, cujos preceitos reconheceu como “um dos melhores patrimônios da humanidade, também conduz o sacrificado à rebelião” (JULIÃO, 2009, p. 80). Além disso pensou que

diante daquele sacerdote, o mais puro, o mais ingênuo, o mais explorado dos mortais – o camponês – permanece numa posição mística, numa beatitude estática, vendo na rebelião e no sacrifício deles a sua própria rebelião e o seu próprio sacrifício. E com isso, aquietar-se e adormecece. [...]. No entanto, como é possível subverter a ordem das coisas, fazer o feitiço virar contra o feiticeiro, convocando para uma operação oposta os mesmos símbolos adotados com a finalidade de amortecer no camponês o sentimento de rebelião contra a sociedade que o oprime (JULIÃO, 2009, p. 81).

Com essa leitura e com a consciência de que o cristianismo representava um dos três aspectos inerentes à vida do camponês, Julião, em sua caminhada junto àqueles que compuseram as Ligas Camponesas, desenvolveu uma hermenêutica em um sentido mais amplo, livre, se podemos classificar assim, ou seja, fez uma leitura de mundo à base daquilo que está posto na Sagrada Escritura. Contextualizava a situação campesina à luz de textos bíblicos, utilizando, também, a poesia popular, em cartilhas e documentos orientadores, dos quais três despontam como elementares e de suma importância: a Cartilha do Camponês, o documento “Bença, Mãe!” e a Carta de Alforria do Camponês, todos redigidos por ele.

O fato é que, por essa via, o advogado fez-se compreender através das lideranças, a maioria alfabetizada, e formava entre os camponeses um sentido de solidariedade, companheirismo e resistência às investidas dos latifundiários e do próprio Estado. Denunciou, também, a estratégia dos poderosos que se utilizavam da fé popular para manter as pessoas sob seu jugo, da mesma forma como acontecia no Brasil Colônia onde a “obediência ao feitor e ao senhor de engenho é obediência a Deus”

(HOORNAERT, 1979, p. 329), o que acontece ainda hoje, embora sob outras vestes. Nesse sentido, Julião, na Cartilha do Camponês, identificou a mesma concepção imposta séculos depois:

O latifúndio diz assim: “Deus castiga aquele que se rebela contra Ele. Se um é rico e o outro é pobre, se um tem terra e o outro não tem, se um deve botar a enxada nas costas para dar o ‘cambão’ e o outro se mantém ou enriquece com o fruto desse cambão, se um mora no palácio e o outro no mocambo, é porque Deus quer. Quem se rebelar contra isso está contra Deus. Sofre os castigos do céu: peste, guerra e fome. E quando morre, vai para o inferno. O pobre deve ser pobre para que o rico seja rico. O mundo sempre foi assim. E há de ser sempre assim. É Deus quem quer”. Assim fala o latifundiário, camponês. Usa o nome de Deus para te fazer medo. Porque tu crês em Deus (JULIÃO, 1960, p. 8-9).

Todavia, lembrou que o Deus do camponês é Jesus Cristo, o Filho de Deus, que viveu entre os pobres mais pobres, entre pescadores, camponeses, operários e mendigos, que aspirava à liberdade para todos e que o fruto da terra e do trabalho fosse dividido entre todos. Lembrou, ainda na Cartilha do Camponês que, por se colocar ao lado dos esquecidos, Jesus foi crucificado pelos latifundiários de seu tempo e que, se fosse nos dias que estavam vivendo “seria fuzilado. Se não fosse metido em um asilo de loucos. Ou preso como comunista” (JULIÃO, 1960, p. 9). Alertou os camponeses contra os maus pastores e padres, aqueles que defendem os poderosos, lembrando que pastores e padres, que são alinhados com os ensinamentos do evangelho, anunciam que Deus fez a terra para todos; que se deve ganhar o pão de cada dia com o próprio suor e não com o alheio; que todos são iguais perante Deus, a lei e a natureza. Com a ousadia que lhe era peculiar, Julião afirmou: “Se isso é comunismo, então Deus é comunista. Porque é o que está na Escritura Sagrada. E na boca de Cristo. E na boca de todos os seus apóstolos” (JULIÃO, 1960, p. 9).

Ainda falou que a força do camponês, como de qualquer luta social, está na união de todos. Não falou em luta armada, mas apontou vários exemplos para mostrar a força que nasce da coesão de uma classe. Apresentou a greve como uma poderosa arma e acrescentou: “não é preciso usar a foice. Nem o olho da enxada. A massa é quem faz a lei” (JULIÃO, 1960, p. 10).

Vale ainda o registro de o quanto, em sua hermenêutica, sempre falando em linguagem compreensiva aos camponeses, Julião colocou como luz à cooperação inter-religiosa e condenação ao contratestemunho:

E o que tem feito o protestante? E o espírita? E o ateu? Briga o protestante com o católico e o espírita com o ateu. E enquanto brigam, o braço do camponês fica mais fraco, a enxada mais pesada, a fome cresce e a liberdade murcha. De onde concluo que não adianta ser católico ou protestante, espírita ou ateu, seguir essa ou aquela religião, adorar Deus ou negá-lo, se cada um de nós só cuidar de melhorar a própria vida esmagando a dos outros. Não adianta ser padre ou pastor para ficar dentro da igreja, fazendo sermão ou no templo lendo versículos da Bíblia. E muito menos espírita para convocar os mortos e ateu só para negar a existência de Deus. Tudo isso não vale nada se há milhões de camponeses tratados como bestas-de-carga pelos que têm oratórios em casa, vão à missa, ao culto protestante e ao centro espírita em busca de perfeição para a sua alma (JULIÃO, 1960, p. 12).

Continuando esse seu discurso, interpela a consciência não apenas daqueles que se autodeclaram religiosos, mas, também, dos que negam a Deus. Denunciando as posturas de cada grupo e indicando os caminhos a serem percorridos, sua voz assume tom profético:

Ou o padre se rebela contra a miséria do camponês e entra na luta para libertá-lo, ou tudo quanto ele prega não merece fé. Ou o pastor sai a campo para lutar por um pedaço de terra e um salário justo para o irmão do campo, ou a Bíblia Sagrada queima a sua consciência como as pedras queimaram as mãos dos que tinham culpa. Ou o espírita se junta ao ateu para salvar da fome, da degradação e da miséria, o camponês sem terra, neste país de tanta terra, ou não adianta convocar os mortos e muito menos negar Deus (JULIÃO, 1960, p. 12).

Nesse discurso, ele ainda interpela a ação concreta de solidariedade com aqueles que representam a escória, que são espoliados, em suma, aqueles que representam “os degredados filhos de Eva”:

Tudo é vão, se nada se faz, não só em palavras, não só em hinos sacros e cânticos religiosos, mas em atos e ação corajosa, para libertar esse escravo, esse pobre irmão nosso, o camponês humilde e bom, das garras do dragão – o LATIFÚNDIO. Sua desgraça deveria envergonhar não só o padre, não só o pastor, não só o espírita, não só o ateu, mas o homem que possui a terra [...], a Nação inteira. Porque é o camponês quem nos alimenta e quem nos veste, recebendo, como troco, a sujeição do escravo, a infâmia do cambão, o trabuco do capanga, o facão do soldado, a casa destelhada, a

lavoura destruída, o filho sem escola, sem remédio, o pau-de-arara, o chão do hospital, a velhice sem amparo, e por último, a vala comum do cemitério onde só chegam os ossos enrolados na pele torturada (JULIÃO, 1960, p. 13).

Eis uma síntese da hermenêutica de um socialista ateu. Julião conseguiu, em sua peculiaridade, fundir em seu discurso/ação a base comum das múltiplas variantes do socialismo, como nos foi apresentada por Bobbio, Matteucci e Pesquino (1998), a síntese da hermenêutica concebida no Catecismo da Igreja Católica que passa pela realidade, pela crença, por aquilo que se deve buscar e as metas a serem alcançadas, além de identificar-se com as proposições dos pensadores que colocam a interpretação a partir do chão onde a história acontece e a humanidade caminha (ou parte dela). É nesse discurso/ação que encontramos a convergência entre a vivência comprometida de uma ideologia estilo de interpretação. Práxis e discursos se encontram e formam a unicidade tão ausente no nosso atual panorama ideológico, político e religioso.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Neste artigo, passou a largo do nosso interesse a formação religiosa de Francisco Julião. Absolutamente não nos importou. Sabemos, revisitando sua biografia, que foi casado e nunca exerceu nenhuma função religiosa, a exemplo do diaconato da Igreja Católica, que é aberto aos casados, ou o pastorado das igrejas evangélicas também permitido a quem contraiu matrimônio. Se quiséssemos, poderíamos apenas enquadrá-lo como leigo. Mas, nem mesmo isso nos interessa, embora não tenhamos esquecido de registrar sua condição de ateu.

O que nos chamou a atenção foram suas escolhas políticas e a maneira como desenvolveu um discurso hermenêutico próprio, buscando na Bíblia inspiração para animar as lutas daquele povo e, ao mesmo tempo, contribuir na gestação de uma sociedade solidária entre os iguais. Assim, encontramos um socialista profundamente comprometido com as lutas campesinas do início da segunda metade do século XX, em Pernambuco. O estado borbilhava na efervescência política da luta por reformas estruturais – com especial recorte para a reforma agrária – alinhadas com as lutas de homens e mulheres que labutavam no eito da cana.

Com esse discurso, Francisco Julião colocou a vida dos camponeses dentro do Movimento de Jesus e, ao mesmo tempo, o Movimento de Jesus no cotidiano de homens e mulheres do campo. Mas, parecendo não ser suficiente incluiu em seu manifesto as relações inter-religiosas. Essa largueza de visão, essa abertura, nos sinaliza a possibilidade de novos paradigmas para a religião diante do pluralismo que vem ganhando espaço na contemporaneidade.

Diante dos fatos apresentados, não nos parece exagero dizer que Francisco Julião, foi uma voz profética, no sentido de uma voz que se levanta e denuncia as mazelas de seu tempo, chamou à responsabilidade padres e pastores – sem excluir os ateus – para a questão da solidariedade em relação à situação em que viviam aquelas pessoas que trabalhavam sob o jugo dos latifundiários, sem a proteção de leis e, portanto, sem as garantias sociais necessárias a uma vida cidadã digna em sua plenitude.

A hermenêutica desenvolvida por Francisco Julião impele-nos a alargarmos o olhar para a vida em nosso entorno e encarmos o quanto ainda precisamos caminhar na direção do outro e fazer da solidariedade um elemento constitutivo do nosso ser, trazendo-a para o chão da nossa vida, tornando-a elemento natural e espontâneo do nosso cotidiano.

Concluimos essas nossas considerações finais com um verso do cordel de Rafael de Carvalho, baseado na Carta de Alforria do Camponês, escrita por Francisco Julião:

Mas tu sabes, camponês, / Que Cristo era um rebelado. / Pois lutando pelos pobres / Foi preso e crucificado. / E São Francisco de Assis, / Lá na Itália, o povo diz, / Que sofreu, mas foi feliz, / Porque lutava ao teu lado.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. *As ligas camponesas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfraco. *Dicionário de Política I*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CARVALHO, Rafael de. *Carta de alforria do camponês*. s.n.: Editora Jotapê, s.d.

- GRONDIN, Jean. *Introducción a la hermenéutica filosófica*. Barcelona: Herder, 2002.
- HIGUET, Etienne Alfred. Hermenêutica da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 457-468.
- HOORNEART, Eduardo *et al.* *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Primeira época. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- INOOD, Michael. *Encyclopedia of Philosophy*. Londres: Routledge, 1998
- JULIÃO, Francisco. *A cartilha do camponês*. Recife: edição do autor, 1960.
- JULIÃO, Francisco. *Que são as ligas camponesas?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.
- JULIÃO, Francisco. *Cambão: a face oculta do Brasil*. Recife: Bagaço, 2009.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Breve história do movimento camponês no Nordeste. *Revista Raízes*, Campina Grande, ano II, n. 2-3, p. 167-175, 1983.
- LIMA, Maria do Socorro Abreu e. *Construindo o sindicalismo rural: lutas, partidos, projetos*. Recife: Editora Universitária da UFPE; Editora Oito de Março, 2005.
- PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. *De pétalas e pedras: a trajetória de Francisco Julião*. Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2013.
- PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. *Francisco Julião: em luta com seu mito, golpe de Estado, exílio e redemocratização do Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica: arte e técnica da Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- VANDRÉ, Geraldo. Disparada. Disponível em: <https://m.letras.mus.br>. Acesso em: 03 ago. 2021.